Percorrendo o mar e a terra para fazer um prosélito

Proselitismo judaico no início do cristianismo

O judaísmo atual não é proselitista. Apesar de qualquer pessoa poder se converter ao judaísmo, não existe um esforço organizado para recrutar prosélitos. Não é preciso acreditar nas crenças judaicas ou se tornar judeu para obter a salvação ou estar de bem com Deus. Qualquer não-judeu que obedeça às sete leis de Noé está salvo e de bem com Deus. Contudo, até o século IV da era comum, o judaísmo era proselitista e se esforçava para expandir o número de seus fiéis.

Desde o nascimento do povo de Israel, existe uma tensão dialética no judaísmo. De um lado encontramos uma tendência ao universalismo, que está preocupada com os caminhos do ser humano e da humanidade. Do outro lado encontramos uma tendência particularista, que está preocupada com os caminhos do judeu e do judaísmo. Existem inúmeros exemplos desta tensão na Bíblia hebraica. Os primeiros onze capítulos da Bíblia hebraica são dedicados à narrativa da criação da humanidade. Só a partir do décimo segundo capítulo começa a narrativa da criação do povo de Israel. Deus tem compaixão por toda a humanidade (Sl 145), mas considera o povo de Israel seu tesouro especial (Ex 19,5). Deus escolhe o povo de Israel, porém esta escolha está ligada à missão de ser uma luz para os povos (Is 42,6). Alguns profetas foram mais particularistas (por ex. Ezequiel), outros mais universalistas (por ex. Isaías). Mais tarde, os sábios do Talmud e os filósofos medievais judaicos mantiveram esta dialética no judaísmo, uns enfatizando aspectos universalistas, outros enfatizando aspectos particularistas. Uma regra pode ser observada. Geralmente quando os judeus mantinham boas relações com os povos vizinhos, venciam as tendências universalistas; quando eram perseguidos, venciam as tendências particularistas.

Independente do relacionamento com os povos vizinhos, sempre a porta de entrada ao povo judeu estava aberta a novos adeptos. Após o contacto com as crenças e leis judaicas, o candidato à conversão deveria ser circuncidado (se homem), imergir num poço de água (*Mikve,* predecessor do batismo) e oferecer um sacrifício (enquanto havia Templo). Era exigido do prosélito cumprimento

das leis dietéticas (*Kashrut*), do descanso do sábado e dias festivos, além de diversas outras leis. Depois de convertido, o prosélito era considerado como qualquer judeu por nascimento, com exceção de algumas poucas limitações.

Sempre houve pessoas com forte atração pelo judaísmo. Muitos se convertiam para o judaísmo, mas nem todos. Existia uma boa parcela que tinha medo ou horror à circuncisão (entre gregos e romanos era considerada uma deformação do belo corpo humano) ou que não conseguia observar as pesadas leis dietéticas ou do descanso sabático e festivo. Este grupo se tornou admirador do judaísmo e até freqüentador do Templo, dos cultos ou do estudo sinagogal. Estes foram chamados de "tementes a Deus" (*Ierei Adonai* ou *Sebomenoi*). Sua existência é comprovada por diversas passagens na Bíblia hebraica (Sl 115) e até mesmo nas Escrituras cristãs (At 10,2; 13,16.26).

É difícil determinar quando, mas em algum momento surgiu a classificação de filhos de Noé para aqueles "tementes a Deus" que seguiam as sete leis consideradas reveladas a Noé e à humanidade. As sete leis de Noé são determinadas no Talmud (Sanhedrin 56-60) através da exegese de certos versículos do Gênesis. As sete leis de Noé são as mínimas obrigações morais comandadas a toda a humanidade. Obedecendo estas leis, qualquer pessoa obtém a salvação. Estas leis são: proibição de idolatria, blasfêmia, assassinato, adultério, roubo, causar dor a animais, além do mandamento de estabelecer cortes de justiça.

No início do cristianismo encontramos um judaísmo missionário, lutando por prosélitos ou pelo menos semiprosélitos (filhos de Noé). No Talmud encontramos algumas citações louvando o proselitismo. Rabi Iochanan e Rabi Eliezer deduziram que: "O Santo, louvado seja, exilou Israel entre as nações somente para aumentar seu número com a adição de prosélitos" (Pessachin 87b). Rabi Eleazar disse: "Todo aquele que aproxima um prosélito é considerado como se o tivesse criado" (Genesis Raba 84,4). Os escritos de Filão de Alexandria são feitos também para levar a mensgem judaica aos pagãos.

O relativo sucesso do esforço dos missionários judeus se dava por dois motivos. Primeiro, a decadência dos cultos gregos e romanos. Esta diminuição de interesse por cultos gregos e romanos levou muitas pessoas no império em busca de alternativas religiosas. Muitos escolheram cultos místicos, outros escolheram religiões antigas, entre elas o judaísmo. Segundo, a tradução da Bíblia hebraica para o grego, chamada Septuaginta. Esta tradução tornou acessível a Bíblia hebraica para os judeus da Diáspora que já não entendiam o hebraico e para aqueles que procuravam alternativas para os cultos greco-romanos.

Diversas fontes comprovam este interesse pelo judaísmo entre os romanos e pagãos. Nas Escrituras cristãs encontramos um dos textos mais famosos: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito" (Mt 23,15). O livro dos Atos dos Apóstolos coloca Paulo encontrando um público misto constituído também por prosélitos (At 2,11; 6,5; 13,43). Flávio Josefo dá o testemunho de como os judeus conseguiam adeptos dentro das altas classes romanas, principalmente entre as mulheres. Ele nos relata sobre a conversão de Helena e de seu filho, o rei de Adiabene (*Antiguidades* XX). Outro caso conta sobre Fúlvia, uma temente a Deus, mas que foi enganada por certos judeus, o que resultou na expulsão dos judeus de Roma pelo imperador Tibério no ano 19 da nossa era. Comby e Lemonon afirmam: "Na verdade, a preocupação de Tibério era com o sucesso do judaísmo, porque seu

proselitismo já atingia a alta sociedade romana"[1]. Josefo evidencia que gregos e bárbaros têm um grande zelo pelo judaísmo (*Contra Apion* 2,39). Durante a dinastia Flaviana, os judeus continuaram a influenciar a aristocracia romana. O cônsul Flavius Clemens, amigo do imperador, foi executado e sua esposa banida, devido a práticas judaicas[2].

A reação de Tibério contra a expansão do judaísmo não foi a última no Império Romano. O proselitismo judaico foi proibido diversas vezes por diferentes imperadores, o que comprova a sua força. Duas datas importantes na história judaica marcam uma diminuição na força missionária. A primeira foi a revolta no ano 66, que culminou com a destruição do segundo Templo. Até esta data os judeus usufruíram de diversos privilégios entre os romanos. Estavam isentos de serviço militar e do culto de adoração ao imperador, por exemplo. Depois de 66, os judeus foram considerados rebeldes e perigosos, perdendo seus privilégios e o direito de converter. Nesse ano também observamos o início do distanciamento entre judaísmo e cristianismo. Outra revolta estourou no ano de 135, liderada por Bar Chochba e rabi Akiva. A reação do imperador Adriano foi dura, prejudicando mais ainda o "status" dos judeus no império. Esta revolta aumenta ainda mais o distanciamento entre judaísmo e cristianismo, representado por uma crescente disputa missionária e um crescente ataque polêmico ao judaísmo. A revolta prejudicou o proselitismo judaico, que entra numa fase de declínio, mas ainda não está extinto. Josefo também nos conta que alguns prosélitos traíam os judeus nos tempos de guerra e dificuldades. Este fato, somado à perda do Templo e do Estado, causou uma volta a tendências particularistas e ao antiproselitismo dentro do judaísmo. O golpe final ao proselitismo judaico foi dado no século IV, quando o imperador Constantino tornou o cristianismo religião oficial do império e puniu o proselitismo judaico com a pena de morte.

Um remanescente da atração que o judaísmo exercia sobre os pagãos e cristãos são os oito sermões contra os judeus feitos por João Crisóstomo nos anos 386-387. Crisóstomo acusa os judeus de atividade missionária, e os cristãos de Antioquia de cooperar com os judeus em questões religiosas, de guardar o sábado, o grande jejum, festas judaicas e até de peregrinações aos lugares sagrados judaicos. Crisóstomo afirma que no sábado as sinagogas estavam cheias de cristãos, especialmente de mulheres cristãs, que gostavam do culto judaico, de ouvir o Shofar em Rosh Hashana e de aplaudir os pregadores judeus. Infelizmente os ataques de João Crisóstomo ficaram marcados como exemplos de sermões anti-semitas.

Mais que competir por fiéis, o proselitismo judaico ajudou na expansão do cristianismo. Mantendo a santidade da Bíblia hebraica, crença em um só Deus, ênfase na ética, suplementados por queda das leis de circuncisão, Kashrut e descanso rígido no sábado e festas e uma ênfase na salvação universal através de Jesus, o cristianismo pôde atrair os semiprosélitos. Os milhares de "tementes a Deus" reconheceram no cristianismo uma oportunidade de expressar totalmente seu amor ao judaísmo não concretizado. Certamente o judaísmo semeou muitos dos frutos colhidos mais tarde pelo cristianismo.

Leonardo Alanati
Belo Horizonte, MG

1. J. COMBY e J.P. LEMONON. *Roma em face a Jerusalém*, p. 37.
2. *Enciclopédia Judaica*, vol. VIII, p. 644.